

O vírus vocacional

Afonso chega a casa visivelmente inquieto porque sente algo de estranho.

Afonso – Mãe, Pai, não sei o que se passa, mas sinto-me diferente...

Mãe – Mas estás doente? Sentes-te bem? Com quem é que andaste? Levaste o casaco? Não me digas que andaste à chuva? Almoçaste na escola? Ou comeste guloseimas no bar?

Pai – Calma mulher! O nosso rapaz é um homem! Já sabe o que quer! Já se sabe desenrascar sozinho! Tanta pergunta! Deixa o cachopo!

Afonso – Mas sinto mesmo algo diferente!

Mãe – Ai, ai, ai!! O que é que se passa com o meu menino! É melhor ir ao médico! Oh Zé, vai buscar o carro!

Pai – Eh mulher! Isso não é nada! Deve é estar apaixonado! É cachopa não é, Afonso?

Afonso – Não, Pai.

Pai – Não?! Então?

Afonso – Não sei explicar bem! Mas sinto-me feliz, e ao mesmo tempo inquieto! Como se houvesse uma voz a chamar-me!

Pai – Mulher, acho que tens razão. Vamos já para o médico!

Os pais e o Afonso seguem para o hospital.

O médico pede para os pais aguardarem enquanto fazem exames ao Afonso. Depois de algum tempo, o médico vem falar com os pais.

Médico – (com cara muito séria) Realizámos os mais avançados exames neurológicos e o seu filho... tem... saúde! (e ri-se) O seu filho está cheio de saúde... Não há motivo para preocupação. Podem voltar para casa descansados.

Mãe – Ó Zé, não fiquei convencida... Temos que fazer mais alguma coisa. E se fôssemos falar com o Senhor Prior?

Pai – O que é que o padre percebe disto? Ele diz missas e pouco mais! Isto não há-de ser nada do outro mundo! Isto já lhe passa. Tem é tempo livre a mais... Só está na escola e no futebol, e no inglês, no judo, nas aulas de piano, nas coisas da igreja, e na natação. Está é a precisar que lhe ocupem o tempo, para crescer como deve ser! Senão nunca será um homem na vida.

Mãe – Bem, mas falar com o padre não há-de fazer mal. Como ele até anda p’ra lá no grupo de jovens, pode ser que o padre saiba alguma coisa.

Mãe – Senhor padre, passa-se algo com o nosso filho. Nós já o levámos ao médico, mas parece que está de perfeita saúde... não encontraram nenhuma doença.

O padre fica em silêncio

Pai – Ó Maria, eu disse-te que o padre não percebia nada disto. O senhor padre sabe é rezar, não é?

Pe – Meus amigos, penso ter algo de muito sério a dizer-vos...

Mãe – Diga, diga! Por favor!

Pe. – O vosso filho tem... vocação.

Mãe – Oohh!!!

Pai – Calma, querida!

Mãe– Eu sabia! Alguma coisa de estranho se passava. O meu instinto de mãe não falha.

Pai – Mas o que é que aconteceu ao rapaz para ele ter isso, não nos sabe explicar?

Pe. – Bem, não aconteceu nada de anormal... na verdade, ele já tem isto há algum tempo!

Pai – Oh meu Deus, mas como é que isso pode ser?

Pe. – Curioso, é mesmo essa a pergunta a fazer nestes casos.

Mãe – Mas o Senhor padre está a gozar connosco?

Pe – Não. O que eu quero dizer é que os senhores também são responsáveis por isto.

Pai – Como? Está a ir longe de mais.

Padre – O seu filho começou a ter estes sintomas na primeira vez que os senhores o levaram à Igreja.

Pai – Ah, então é alergia! Está resolvido, nunca mais cá vem!

Padre – Não! É precisamente o contrário. O seu filho está agora a tomar consciência do que vocês lhe fizeram quando ele era pequenino.

Mãe – O quê? Eu nunca tratei mal o meu filho!

Padre – Claro que não! Mas foram vocês que o trouxeram aqui pela primeira vez e quiseram que isto fosse semeado no seu coração!

Pai – Ah, então agora a culpa é nossa! Está a dizer que nós é que o infectámos!

Padre – Não. Estou a dizer que ele sente tudo isto, porque um dia vocês o entregaram!

Mãe – Eu nunca o entreguei a ninguém... há-de ser sempre o meu menino!

Padre – Antes de ser seu, já pertencia a Outro! E mais! Vocês têm o mesmo problema que ele.

Pai – Como? O senhor padre é que deve ter um problema.

Padre – Sim, eu também o tenho. Todos os que são baptizados têm este problema.

Mãe – Agora é que eu não percebo nada!

Padre – O vosso filho sente-se chamado por alguém que o ama até antes dele existir. Desde o dia do baptismo que a vida já não lhe pertence, nem vos pertence! Foi entregue, totalmente entregue. E o Afonso está agora a perceber isso! Que a vida é um dom que pertence a Outro! E isso causa uma enorme alegria, mas ao mesmo tempo, traz receios, traz dúvidas.

Mãe - A culpa... a culpa é do Senhor!

Pe. – Tem toda a razão, a culpa é do Senhor.

Pai – Bem, já não percebo nada desta conversa. Afinal, o que é podemos fazer para o ajudar?

Pe. – Nestas situações convém agir com prudência. A Igreja usa sempre de grande cautela nestes casos.

Assim sendo, o vosso filho terá que... entrar em quarentena.

Mãe – Como?! Está a dizer que o nosso filho tem que ficar separado de nós?

Pe. – Penso ser o melhor para todos.

Mãe (*chorando*) – Oh não! E nós? Ficamos impávidos e serenos enquanto o nosso rapaz fica de quarentena?

Padre – Esta quarentena é que permitirá que o vosso filho aprofunde esta descoberta do que tem dentro de si. No fundo, nesta quarentena ele irá perceber melhor a que é chamado. Vai descobrir que não há alegria maior do que dar a vida Àquele que o chama.

Mãe – E nós, o que é que podemos fazer?

Pe. – Rezem, rezem muito! E aproveitem para se porem à escuta, pois vocês também estão infectados! O mesmo Senhor que chama o vosso filho, também vos chama a vós! Não tenham medo! O vosso filho está em boas mãos!